ANTI CAPITALISTA

N.º 16 (SÉRIE II) – ABRIL 2019

A CRISE POLÍTICA NA ARGÉLIA P.03

EMERGÊNCIA PARA SALVAR O PLANETA PP.04-05

A NOVA VAGA DO FEMINISMO E DOS JOVENS PELO CLIMA

EDITORIAL

NO MEU TEMPO É QUE VAI SER BOM

No conforto de tantas casas de família e de cafés deste país, ouve-se um mantra repetido *ad nauseum:* "No meu tempo é que era bom". Este louvor - à impossibilidade, ao atávico conformismo, ao consenso mole que nos cola aos sofás e que nos garante que as lutas a preto e branco são melhores - afinal não é para sempre.

Esse culto do passado idílico onde as coisas eram melhores casa-se na perfeição com outro mantra, bem ridicularizado por Sérgio Godinho: "Só neste país". Essa desconfiança do que é novo, desenvolvida por décadas de ditadura, é um fenómeno bastante comum.

Já George Orwell dizia que "cada geração se imagina mais inteligente do que a anterior, e mais esperta do que a que virá depois dela". O medo ou hostilidade perante uma geração mais nova foi cunhada pelo sociólogo americano David Finkelhor em 2010 como "Juvenoia". Esta paranóia irracional diz-nos que a nova geração é mimada e nunca fará nada fora das redes sociais. Será esquecida no meio do seu consumismo e busca pelo prazer imediato. "No meu tempo é que era". Esta ideologia da reprodução do status quo levou em março de 2019 com um *bulldozer* em cima, duas vezes.

Quem saiu à rua na Greve Feminista e na Greve Climática, as maiores mobilizações de sempre daquelas causas, veio ensinar-nos que se preocupa mais com o futuro e a vida das mulheres do que alguma vez alguma geração sonhou preocupar-se. São jovens e mulheres com as suas próprias ideias, decisões e, sobretudo, as suas próprias vozes, que romperam as barreiras do que achávamos possível.

A força criativa destas greves envergonhou os caciques das académicas, que há anos não conseguem mobilizar mais do que os seus pequenos coutos eleitorais. A urgência da causa climática é sentida por esta geração com um entusiasmo que contraria o medo dos que já desistiram. A desigualdade é vista por esta nova vaga feminista como um problema para o qual pedir calma não é aceitável e a violência - doméstica e de género – e a justiça machista como assuntos prioritários da agenda política nacional.

Não há gerações melhores ou piores. Há energia para forjar novas fronteiras do ativismo. Além do uso das redes sociais como espaço de organização, também vimos a "meme-ificação" dos sujeitos e dos temas. É um impulso que traz o humor para a luta e que assim defende-se de apropriações cínicas. É o caso do triste *tweet* de Assunção Cristas a dizer que ouvia "os jovens lá fora por uma boa causa", omitindo a sua posição relativamente ao petróleo e ao eucaliptal. No caso Neto de Moura, a personificação do machismo da justiça portuguesa neste triste espelho de um país que cheira a bolor também rasgou caixas de comentários e disse claramente: o sistema judicial está do lado errado.

Quem saiu à rua em março são aqueles e aquelas por quem estávamos à espera sem saber. Vieram para fazer diferente e melhor do que os seus pais já fizeram. Para salvar a sociedade do machismo assassino e o planeta do capitalismo suicida.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, onde se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** empenhadxs nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
No meu tempo é que vai ser bom

3 **Internacional**
Argélia: "Revoltar-se é manter-se vivo"

4 **Ativismo**
A importância da Greve Climática Estudantil

5 **Ativismo**
A justiça climática é a luta pelo destino da humanidade

6 **Ativismo**
Greve feminista: muito para lá dos números

7 **Ativismo**
Um novo momento para o feminismo

8 **Acontece**
II Encontro Nacional de Trabalho Local do Bloco de Esquerda
VII Conferência de Jovens do Bloco
Desobedoc 2019 – Mostra de Cinema Insubmisso

8 **Leituras**
Torto Arado, de Itamar Vieira Junior
Guerra e Terebintina, de Stefan Hertmans

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Participaram nesta edição
Adriana Lopera
Ana Bárbara Pedrosa
Ana Rita Dias
Andrea Peniche
Catherine Boutaud
Francisco Louçã
João Camargo
Luís Leiria
Mafalda Brilhante
Mafalda Escada
Pedro Loução
Rita Gorgulho
Rodrigo Rivera
Sofia Oliveira

lustração da capa
Catherine Boutaud

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

ARGÉLIA: "REVOLTAR-SE É MANTER-SE VIVO"

LUÍS LEIRIA

As mobilizações gigantes que tomaram conta da Argélia estão a mudar a sua história. Obtiveram uma primeira vitória, mas o cambaleante regime de Bouteflika ainda não caiu.

Abdelaziz Bouteflika e Djamila Bouhired têm, respetivamente, 82 e 83 anos e representam a geração de jovens militantes que venceram a guerra anticolonial contra a França e conquistaram a independência da Argélia. Ambos eram jovens quadros da Frente de Libertação Nacional (FLN). Djamila foi presa e condenada à morte sob a acusação de executar um atentado à bomba num café francês em Argel. Uma campanha internacional salvou-lhe a vida e em 1962, ano da independência da Argélia, foi libertada da prisão francesa onde cumpria pena. Já Bouteflika ficaria famoso pela sua pertença ao "clã de Oujda", uma fação da FLN que assumiria plenos poderes na nova Argélia independente através de um golpe de Estado desferido por Houari Boumedienne.

Hoje, Bouteflika ocupa a Presidência da República. Está no cargo há 20 anos. Desde 2013, quando foi vítima de um acidente vascular cerebral, nunca mais falou em público. As suas aparições, sempre na TV, onde aparece amarrado a uma cadeira de rodas, são fugazes. Um famoso diplomata, que o encontrou recentemente, disse dele: "É verdade que a sua voz é fraca, não lhe permitindo fazer um discurso na televisão ou em público, mas ele reencontrou 100% das suas capacidades intelectuais". Um *site* humorístico anunciou: "O presidente perdeu a voz, mas comunicará com o povo através do pensamento". E acrescentou: "Não é por isso de excluir que os argelinos venham a sentir bizarras sensações na cabeça. Será provavelmente uma nova mensagem à nação que o presidente nos terá dirigido via pensamento".

Já Djamila Bouhired está ao lado dos jovens que inesperadamente, no dia 22 de fevereiro, tomaram as ruas em manifestações organizadas pela internet para dizer que não aceitavam que aquele morto-vivo que preside o país se candidatasse a um quinto mandato, como era a sua intenção. "Os nossos sonhos não entram nas vossas urnas."

A partir desse dia, uma onda de mobilizações em todo o território não parou de crescer. Já se contam pelos milhões de participantes, sempre bem-humoradas, criativas, pacíficas. Tão pacíficas que há relatos de mães que levam os bebés, dormindo tranquilos, às manifs. As palavras de ordem por vezes ecoam o Maio de 68 francês: "Os nossos sonhos não entram nas vossas urnas"; "Devolve-me a minha liberdade, peço-te com gentileza"; "Revoltar-se é manter-se vivo"; "Now loading, 2ª República"; "Boutef, game over, Algeria free". Até que no último dia 11 de março, Bouteflika, que voltara na véspera da Suíça, para onde tinha ido para atendimento médico, anunciou a desistência de se candidatar a um quinto mandato, cedendo à principal exigência das ruas. Porém, anunciou também o adiamento das eleições presidenciais, previstas para 18 de abril, prolongando o seu próprio mandato, e que até o fim do ano se realizará uma Conferência (não eleita) para aprovar uma nova Constituição. Uma espécie de minigolpe de Estado, como o apelidaram alguns analistas.

"BOUTEF NÃO PASSA DE UMA FACHADA"

SE A INTENÇÃO ERA ACALMAR OS MANIFESTANTES, O RESULTADO FOI O OPOSTO: NO DIA 15 DE MARÇO, AS MANIFESTAÇÕES FORAM AINDA MAIORES E O POVO NAS RUAS RESPONDEU: "TU PROLONGAS O MANDATO, NÓS PROLONGAMOS O COMBATE!", E TAMBÉM: "BOUTEF NÃO PASSA DE UMA FACHADA, EXIGIMOS A SAÍDA DE TODOS OS ATORES E CÚMPLICES DESTA MASCARADA!" JÁ LHE CHAMARAM A REVOLUÇÃO DO SORRISO. ELA ESTÁ A CHEGAR A UM MOMENTO DECISIVO.

Numa carta aberta dirigida aos manifestantes, reproduzida no jornal El Watan, Djamila Bouhired exortou os jovens a não deixarem que a revolução lhes seja arrancada das mãos por manipuladores ao serviço do regime. "Em poucas semanas, vocês revelaram ao mundo, surpreendido, o que o povo argelino tinha de mais belo, de maior, apesar de décadas de opressão para vos impor o silêncio", escreveu. Denunciou também o papel da França e do presidente Macron neste episódio: "Último sinal revelador das ligações perversas de dominação neocolonial, o apoio do presidente francês ao golpe de Estado programado pelo seu homólogo argelino é uma agressão contra o povo argelino, contra as suas aspirações à liberdade e à dignidade." E concluiu: "Cabe-vos, e só a vós que lutais no dia a dia, designar os vossos representantes por vias democráticas e numa total transparência."

ATIVISMO

A IMPORTÂNCIA DA GREVE CLIMÁTICA ESTUDANTIL

Sofia Oliveira, Ana Rita Dias e Pedro Loução*

No passado dia 15 de março, milhões de jovens e estudantes em todo o mundo fizeram greve pela justiça climática. Fizemos greve porque o nosso futuro está em risco e não podemos estar à espera de uma salvadora ou de um salvador climático. Os problemas com que hoje nos defrontamos foram causados por um sistema capitalista que tudo faz para se reproduzir.

Como disse Greta Thunberg, "não podemos resolver a crise sem tratá-la como uma crise. Temos de manter os combustíveis fósseis debaixo do solo e temos de focar-nos na igualdade. E se as soluções dentro do sistema são tão impossíveis de encontrar, então talvez tenhamos de mudar o sistema".

Somos jovens e os nossos governantes estão sentados numa cadeira pensando que estão a fazer o melhor para o nosso futuro. Não estão, estão a degradá-lo cada vez mais, estão a retirar tudo o que podem para seu próprio benefício e do sistema, nunca em prol da população. Somos jovens e não é por isso que não podemos lutar contra aquilo que consideramos injusto.

Somos jovens e vemos o nosso futuro e o das próximas gerações em risco. Reivindicamos a democratização dos transportes públicos, através da sua gratuitidade e neutralidade carbónica, até 2030 - não é possível esperar por 2050. Temos de travar a exploração dos combustíveis fósseis agora, queremos isto e muito mais. A justiça climática é uma luta intersecional, porque as alterações climáticas são o principal desestabilizador da natureza, mas também das sociedades e comunidades humanas. Não é possível lutar pela justiça climática sem falarmos de todas as lutas sociais.

Organizar uma greve estudantil foi difícil, porém, foi produtivo e fez-nos ver que existem mais jovens que não se conformam com as políticas e as medidas dos governos neoliberais. A expectativas quanto ao número de pessoas que iria aderir apontavam para números pequenos, mas foram quase 20 mil os e as estudantes que em Portugal faltaram às aulas para darem uma lição ao mundo ao manifestarem-se pelo clima. Queremos ganhar um futuro justo para toda a gente. Nas próximas décadas tudo vai mudar: ou somos nós que mudamos tudo ou o capitalismo destruirá o planeta e alimentará a extrema-direita, que diz querer mudar o sistema, e, se o fizer, mudá-lo-á contra nós. O problema tem de ser resolvido agora, para evitar que os fenómenos climáticos anormais e a escassez absoluta deixem de ser pontuais para passarem a ser a constantes.

Somos diferentes, mas unimo-nos pela justiça climática!

*Sofia Oliveira e Ana Rita Dias são estudantes universitárias e Pedro Loução é estudante no ensino secundário na Grande Lisboa. São ativistas da greve climática.

ATIVISMO

A JUSTIÇA CLIMÁTICA É A LUTA PELO DESTINO DA HUMANIDADE

João Camargo

DURANTE AS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS MILHARES DE PESSOAS POR TODO O MUNDO EMPURRARAM UM COMBOIO PESADO, O COMBOIO DA INÉRCIA, O COMBOIO DA CONFORMAÇÃO, O COMBOIO DO SISTEMA, À PROCURA DE SOLUÇÕES E VONTADE POLÍTICA PARA RESGATAR A CIVILIZAÇÃO.

Muito mais grave do que a meia dúzia de negacionistas de alterações climáticas (com desproporcionado impacto mediático) foram mesmo os arquitetos das políticas dos últimos anos os grandes responsáveis por vivermos numa emergência climática sem paralelo na história da humanidade.

De nada serviram Barack Obamas, Justin Trudeaus ou Uniões Europeias a gritar o seu empenho no combate às alterações climáticas, de nada nos serviram as tintas verdes com que empresas destruidoras, como a BP ou a Volkswagen, se foram pintando porque, apesar de andarmos há décadas à procura de acordos para cortar as emissões de gases com efeito de estufa, 2018 foi o ano com o mais alto nível de emissões alguma vez registado. Nesse contexto de enorme frustração, de enorme contradição, empurrámos, contra o senso comum, contra a política banal, contra a TINA (There Is No Alternative), assistimos ao colapso em Copenhaga, exigimos que não houvesse mais explorações de petróleo, gás e carvão, se queríamos salvar o futuro da civilização. Às costas, levávamos a ciência, a vontade e a certeza de que isto não podia acabar assim, de que a humanidade não podia ser só isto.

O desprezo pelos jovens, o desprezo pelas pessoas comuns foi convertendo superficialmente milhares de milhões em cínicos em hipócritas, em seres amorfos e autocentrados. O poder retirado pela economia e pela política às populações foi criando um espírito de derrota, de impotência, de conformação a tudo o que viesse de cima, à ordem e à obediência. Apesar de haver sempre quem resistisse, esse espírito imperou durante muito tempo. Chegados a um dia como hoje percebemos como era superficial esse espírito, e especialmente superficial a análise de que isso se poderia manter.

A temperatura média global nas últimas três décadas só tem comparação com o período interglacial do Femiano, há mais de 115 mil anos. Haveria nessa altura, quanto muito, alguns milhões de seres humanos (menos do que os dedos de uma mão). O centro da Europa era uma savana, o Reno e o Tamisa tinham hipopótamos e crocodilos. O nível médio do mar era seis a nove metros mais alto do que hoje. Os cinco anos mais quentes desde que há registos são os últimos cinco - 2016, 2015, 2017, 2018, 2014. Devido à queima massiva de gases com efeito de estufa que começou na Revolução Industrial e que disparou a partir do final da Segunda Guerra Mundial, criámos um clima em que nunca vivemos antes, diferente daquele em que foi possível inventar a agricultura, a escrita, a civilização. O capitalismo industrial fóssil acabou com o Holoceno, o período geológico dos últimos 12 mil anos, que permitiu que a nossa espécie de instalasse e proliferasse por todo o planeta.

Mas a inação garante-nos uma degradação muito maior do que esta, e cada dia, cada semana, cada mês em que a máquina industrial fóssil se mantém em produção máxima agrava o nosso futuro. Cada momento em que a máquina industrial fóssil se mantém em produção ficam em causa a viabilidade dos territórios em que habitamos hoje, a sua capacidade de nos continuar a sustentar, quer pela redução da capacidade de produção alimentar e da disponibilidade de água, quer pelos fenómenos climáticos extremos e a subida do nível médio do mar. A reação perante este estado de coisas é uma manifestação de autoproteção. Não estamos a defender a Terra, nós somos parte da Terra e estamos a defender-nos a nós mesmos.

Nomeada para o Prémio Nobel da Paz, Greta Thunberg, a jovem sueca de 16 anos que disse exatamente isto na cara das lideranças mundiais na Polónia, foi o ponto de apoio e a sua greve, todas as sextas-feiras frente ao Parlamento da Suécia, foi a inspiração para a greve mundial climática. Mais tarde, o coletivo que convocou esta greve diria em carta aberta publicada no *The Guardian*: "Vamos mudar o destino da humanidade". Não é menos do que isto o que precisa de acontecer. Esta chamada à ação coletiva retira o derrotista enfoque na ação individual que vigorou nas últimas décadas. Só faremos isto em conjunto, pela ação persistente e decidida de milhões de pessoas. Tentar reduzir o que aconteceu neste 15 de março de 2019 a uma chamada para pequenas ações individuais ou locais é perverter o que está a acontecer: "Vamos mudar o destino da humanidade".

GREVE FEMINISTA: MUITO PARA LÁ DOS NÚMEROS

ADRIANA LOPERA, CATHERINE BOUTAUD E MAFALDA BRILHANTE

Quando se fala na Greve Feminista Internacional e nas manifestações que a acompanharam nas ruas, a primeira informação que nos pedem é esta: números. Parece que são estes que definem o sucesso da ação política. Olhemos então para eles. A Greve Feminista Internacional aconteceu em 42 países do mundo. Em Portugal foram 13 as cidades que aderiram à Greve Feminista, e em todas houve manifestações, juntando mais de 30 000 pessoas nas ruas neste 8 de março histórico.

Cinco Sindicatos emitiram pré-aviso de greve: SIEAP (Sindicato das Indústrias, Energia e Águas de Portugal), SNESup (Sindicato Nacional do Ensino Superior), STSSSS (Sindicato dos Trabalhadores da Saúde, Solidariedade e Segurança Social), STCC (Sindicato dos Trabalhadores de Call Center); S.TO.P. (Sindicato de Todos os Professores). Pois bem, na área da eletrónica, duas linhas fabris da Visteon (empresa que produz, principalmente, painéis e leds para a indústria automóvel) pararam e nunca antes, em greve nenhuma, tal tinha acontecido. Esta empresa estava abrangida pelo pré-aviso do SIEAP, sindicato onde praticamente todas as sócias aderiram à greve. No call center da CUF, no turno das 17h, ninguém atendeu chamadas. Na educação, professoras do básico, do secundário, universidades, politécnicos e investigadoras de diversas áreas não foram trabalhar. Se na área da saúde, solidariedade e segurança social parou-se na APPACDM de Matosinhos, e se não estivéssemos já no mínimo dos mínimos, teríamos tido mais grevistas, mas o STSSSS, sindicato que representa estas trabalhadoras, era o único que precisava de assegurar serviços mínimos, pelo que não se pode parar de trabalhar.

Mas, no final de contas, os números dizem muito pouco sobre o tanto que se alcançou, e por isso dizemos que não, não são só os números que contam, mas sim tudo o que há para além deles, na expressão social desta luta. A Greve Feminista é uma greve social, essa é a razão do seu êxito.

Professoras e estudantes em diversas escolas e faculdades fizeram com que a greve estudantil fosse possível, debateram coletivamente a educação que queremos, uma educação que nos permita compreender o conflito entre o capital e a vida, conhecer a nossa história e a das resistências ao machismo e ao colonialismo e as alternativas económicas, culturais e ambientais, uma educação que seja pública e gratuita, diversa, crítica, sem lugar para preconceitos e invisibilizações, livre de agressões machistas e lesbitransfóbicas, empenhada numa educação sexual inclusiva como resposta ao conservadorismo.

Durante a construção da Greve Feminista questionámos a própria ideia de produção. Sabemos que para existir esse mundo a que chamam o da economia real, monetária, tem de haver um "outro oculto", que é o da reprodução, o dos trabalhos invisibilizados, dos cuidados, dos trabalhos não remunerados, que mantêm a vida e que a salvaguardam. Por isso declarámos greve aos cuidados, greve a todos os trabalhos invisíveis que sustentam o sistema capitalista, o que implicou um debate nas casas onde vivemos e que obrigou a procurar soluções, nem que fosse por um dia ou por umas horas. Por isso esta manifestação não foi só uma manifestação, foi um tempo em que cada minuto era um combate, um tempo em que estivemos juntas a tomar as ruas, um tempo em que largámos os tachos e tomámos a palavra.

Desde o feminismo grevista identificamos que o processo de acumulação de capital faz-se também à custa da depredação do ecossistema. Afirmámos que a própria ideia de produção é enganosa, pois neste planeta fechado e finito não produzimos nada, ao invés, extraímos o que já existe, utilizamos energia para o fazer, geramos resíduos e emitimos energia degradada. A economia capitalista nega a ecodependência e ignora que sem um ecossistema vivo nada somos, pelo contrário, promove a ideia de que viver bem é ter cada vez mais para consumir. Por isso convocámos uma greve ao consumo, promovendo o debate sobre a origem e os processos de produção das roupas que compramos e dos produtos que consumimos, na tentativa de uma vida mais sustentável.

A construção desta Greve foi uma demonstração de maturidade, onde múltiplas e diversas opiniões se expressaram em prol de um objetivo comum, onde mais de 30 coletivos se juntaram e onde a mensagem sempre foi clara: o feminismo é participação. Estivemos nas ruas contra as violências machistas e contra os atentados à justiça levados a cabo pelo juiz Neto de Moura. Contribuímos para a criação de uma maioria social que condena e censura a injustiça machista. E não desistimos desta batalha, porque ela é fundamental para a consolidação da democracia e sobretudo para proteção das vítimas.

Agora começa o debate sobre a Greve Feminista Internacional de 2020. Queremos construir um movimento cada vez mais forte, transformador e abrangente, onde todas as organizações e coletivos têm espaço, uma Greve Feminista sem dona nem dono, porque o feminismo é liberdade.

UM NOVO MOMENTO PARA O FEMINISMO

JUSTA MONTERO*

*Justa Montero faz parte da Assembleia Feminista de Madrid e da Coordenadora Nacional de Organizações Feministas. Extratos de um artigo publicado na revista *Viento Sur.*

As greves feministas, que se iniciaram em 2016 com o apelo do movimento feminista argentino, a que se somaram muitos outros países, são testemunho do novo momento da interpelação feminista. Vários elementos podem ajudar à leitura deste caminho. Um deles é a análise feminista da complexidade e da profundidade da crise e do seu impacto na vida e nos corpos das mulheres. Supõe falar do aprofundamento da divisão sexual do trabalho, da privatização dos cuidados nas famílias, com o aumento da carga de trabalho para as mulheres e a deterioração das condições de trabalho para quem as realiza (desde as mulheres em casa, ao trabalho doméstico assalariado e ao dos serviços sociais). É o resultado da inibição do Estado e dos homens desta responsabilidade.

Esta análise estabelece também a relação entre produção e reprodução social como parte do mesmo processo económico e abre alternativas para politizar a reprodução e discutir a centralidade dos cuidados, com a consequente mudança do paradigma económico. Ou seja, trata-se de discutir a articulação entre o patriarcado e o capitalismo racializado, no contexto neoliberal. Alguns dos seus efeitos são o aprofundamento das desigualdades, o ataque a todo o projeto coletivo como o que representa o feminismo porque critica o sistema e a mercantilização de todos os aspetos e espaços da vida. Também supõe um reforço do Estado autoritário, que necessita de maior violência institucional para impor a sua solução para a crise.

AS MULHERES NO CRUZAMENTO DAS RELAÇÕES DE PODER

Outro elemento que explica a evolução do feminismo é o processo de criação dos conflitos que atravessam a vida das mulheres. (…) Falamos de um feminismo anticapitalista e antirracista que não entende a diversidade como a soma de identidades particulares, nem como uma desculpa para estabelecer hierarquias de opressões, mas que tenta compreender como operam essas hierarquias sociais nas condições materiais de vida e na subjetividade das mulheres.

Esta perspetiva amplia da forma explícita o sujeito do feminismo, atravessado pelo reconhecimento desta diversidade e pelo reconhecimento da ação das mulheres, da sua capacidade de tomar a palavra e a expressar. Como assinala Chandra Mohanty, "situar-se no privilégio é o que alimenta a incapacidade de ver as que não beneficiam dele"; contra esse risco somos alertadas pelas mulheres que o sistema exclui e criminaliza, as que sofrem novas formas de exploração, as trabalhadoras do sexo que estão organizadas, as mulheres racializadas, as que mulheres que decidem pôr o véu ou as mulheres trans. A diversidade e a perspetiva intersecional é o que está a dar um significado global ao feminismo, ao impacto social da mobilização e à proposta feminista.

UM NOVO INTERNACIONALISMO FEMINISTA

O último elemento que explica esta nova vaga feminista é o novo internacionalismo. Conectadas em redes e encontros, a política do contágio ampliou os seus horizontes a partir dos feminismos locais. Traduz no feminismo a relação que o capital estabelece entre o Norte e o Sul globais. São as cadeias globais de cuidados que transferem as mulheres do Sul para os cuidados das mulheres do Norte e das suas famílias. São os efeitos das empresas extrativistas do Norte global para se apropriarem das terras e recursos em países como os centro-americanos, onde assassinam as defensoras das terras e dos direitos humanos, ou as feministas, ou as expulsam dos seus territórios e as obrigam a emigrar. São as violências que ultrapassam fronteiras para a exploração sexual.

O internacionalismo, tecido em práticas feministas transnacionais, coloca em questão estas situações e as suas soluções, sem cair em armadilhas que tentam justificar, em nome dos direitos das mulheres, as políticas militaristas, invasões de países, políticas anti-imigração e islamófobas.

O feminismo articula lutas a partir das reivindicações mais concretas, pondo em cima da mesa uma proposta global e propondo um novo sentido comum que impugna o que rege a lógica capitalista e neoliberal.

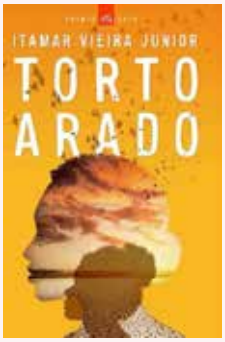
II Encontro Nacional do trabalho Local do Bloco de Esquerda
6 de abril - Amadora - Escola Secundária Seomara Costa Primo
Com as presenças de Catarina Martins e Marisa Matias, entre outras.

VII Conferência de Jovens do Bloco
13.14 de abril - Lisboa
Debater o Bloco, a organização de jovens e as lutas que nos esperam.

Desobedoc 2019 – Mostra de Cinema Insubmisso
Porto | CCOP | Rua Duque de Loulé 202.
O Desobedoc está de regresso ao Porto. Cinema, conversas e exposições.
Entrada livre.

A mostra Desobedoc é uma iniciativa do Bloco de Esquerda realizada em parceria com a rede Transform!.

LEITURAS



TORTO ARADO
Itamar Vieira Junior
280 páginas
2019, Leya
PVP: ± 15.50 Euro

Em Torto Arado, a ação gira, à primeira vista, em torno da vida de uma família. À segunda, gira em torno do contexto social que define, ditando, a vida dessa família: a precariedade, a insegurança, a hierarquia. Trata-se, afinal, de uma família de trabalhadores de uma fazenda no sertão da Bahia, descendentes de escravos. Tudo se passa após a abolição da escravatura, mas, com o desfiar da narrativa, é claro que a abolição não significou uma consolidação de liberdades, uma horizontalidade de direitos, o fim da supremacia dos brancos, dos proprietários – dos proprietários brancos. Itamar Vieira Junior – este parto em língua portuguesa – veio para marcar a literatura lusófona. Escreve não de caneta na mão, mas de tocha, e ergue-a com músculo. Belo, poderoso e comovente, apresenta-nos a grande literatura com uma simplicidade que atormenta. E poderia ser de outra maneira? ABP

GUERRA E TEREBINTINA
Stefan Hertmans
328 páginas,
2019, Dom Quixote,
PVP: ± 17.70 Euro

Durante 30 anos, Stefan Hertmans guardou os diários do seu avô, soldado durante a primeira guerra mundial. Eram um testemunho histórico único, mas a proximidade emocional fez com que o autor os temesse tanto tempo.
Em 2010, começou a escrever o romance Guerra e Terebintina, agora publicado em Portugal. Riquíssimo, o livro vai desde a infância miserável nas igrejas às trincheiras frias, passando a ação por um casamento do protagonista com a irmã da mulher amada e por uma longa descrição da guerra, num exemplo em que o drama histórico cobre o individual. Poderoso e envolvente, tem descrições que são chicotes. ABP

CONTACTOS

Email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**

www.redeanticapitalista.net